

Imagens e papéis de museu nos discursos curriculares

Museum images and roles in curriculum discourses

Mariana de Queiroz Bertelli
Silvania Sousa do Nascimento

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi investigar imagens e papéis do museu presentes nos discursos institucionais da escola. Três propostas curriculares oficiais de abrangência distintas – nacional, estadual e municipal – representaram o discurso escolar, sendo elas os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os Conteúdos Básicos Comuns (CBC) do estado de Minas Gerais e as Proposições Curriculares (PC) do município de Belo Horizonte. A coleta de informações contou com a pesquisa documental. O método da Análise de Conteúdo foi utilizado para analisar os discursos textuais dos documentos. Os resultados do estudo indicaram que as propostas curriculares ignoram a identidade educativa do museu, ressaltando, em sua maioria, a função de complemento à educação escolar e de mero receptor de visitas escolares. Este trabalho contribui para a compreensão de aspectos envolvidos na tensão existente na relação entre museu e escola e para ampliar o debate sobre a institucionalização dessa relação.

Palavras-chave: Imagem institucional. Relação museu-escola. Currículos. Políticas educacionais.

Abstract

This research aimed to investigate museums images and roles in the institutional discourses of school. Three different curriculum policies scopes - national, state and municipal - represented the school discourse, named: “Parâmetros Curriculares Nacionais” for national context, “Conteúdos Básicos Comuns” from Minas Gerais state and “Proposições Curriculares” from Belo Horizonte city. Data collection included a documentary research. Content Analysis method was applied to analyze textual documents. The curriculum proposals ignore the museum educational identity, highlighting, in most cases, just as a complementary function of school education with the role of a mere place for school visits. This work contributes to a better understanding of issues related with the tension relationship between museum and school and also to broaden the debate on the institutionalization of this relationship.

Key words: Institutional image. Museum-school relationship. Curriculum policies. Educational policies.

Introdução

A escola vai ao museu

Tradicionalmente, no Brasil, a escola interage com os espaços museológicos por meio de visitas esporádicas, não sistemáticas (SIMAN, 2004), utilizando o museu para comprovar, ilustrar ou complementar aspectos envolvidos com os conteúdos trabalhados em sala de aula (PEREIRA et al., 2007).

Os serviços dos museus são comumente procurados pelos professores para enriquecer as atividades desenvolvidas em classe. Essa relação de complementaridade trouxe como consequência uma incompreensão, por parte dos próprios museus, de que sua proposta educativa é diferente da proposta da escola. De acordo com Lopes (1991), em meados das décadas de 1980 e 90, os museus acabavam priorizando o discurso verbal e utilizando o objeto apenas como ilustração de programas disciplinares, correspondendo à demanda escolar.

Por outro lado, nas últimas duas décadas, alguns museus brasileiros vêm promovendo ações diferenciadas na busca por uma relação de parceria com a escola, procurando desmistificar o museu como ambiente complementar às atividades escolares e consolidar uma ação educativa própria (CABRAL, 2005).

Museu: que instituição é essa?

No decorrer dos séculos, o papel dos museus e a dimensão de suas práticas museológicas sofreram modificações.

Na Europa, até o final do século XVII as coleções eram organizadas por nobres e apresentavam acesso restrito, guiado pelos próprios colecionadores, a partir de um discurso do aventureiro, do conquistador ou naturalista, cujas coleções constituíam “gabinetes de curiosidades” (NASCIMENTO, 2005).

No século XVIII, as idéias de que a transmissão do conhecimento seria a condição para o progresso influenciaram a criação de instituições científicas, onde se discutiam e divulgavam as descobertas da ciência. Assim, as coleções foram abertas à pesquisa, especializaram-se e passaram a ser utilizadas por outros segmentos sociais, como os cientistas, naturalistas e filósofos (VALENTE, 2003).

É no final do século XVIII que o espírito enciclopedista e a valorização do uso do objeto na aprendizagem trazem para o museu uma preocupação educativa, permitindo que as coleções servissem a toda a população. Assim, o museu se fortaleceu como instituição pública, de portas abertas, embora, até o final do século XIX, não houvesse empenho na democratização e popularização das exposições, fato evidenciado pelos regulamentos existentes e a abertura aos domingos ou apenas uma vez por semana ao grande público (VALENTE, 2003).

A partir do século XIX, principalmente após a Revolução Francesa, os museus e as coleções passam a ter novo papel na vida das nações e os objetos passam a ser valorizados a partir de uma compreensão de patrimônio cultural e preservação do passado (VALENTE, 2003). O final do século XIX e início do século XX foram marcados por uma concepção de museu vinculada à função de preservação e de testemunho da memória, para guarda de acervos artísticos e históricos (FERNÁNDEZ, 1993) e, ao longo do século XX, foram fortalecidos os aspectos público e educativo da instituição (VALENTE, 2003).

De acordo com Valente (2008), o extenso caminho percorrido pelo museu vai do papel de referência limitado aos especialistas a um desempenho social mais alargado, que culminou em sua abertura ao grande público e na diversificação de suas funções a partir de mudanças processadas na museologia. Assim, a centralidade das coleções, primeira razão de ser do museu e em torno das quais girava a instituição com sua pesquisa, coleta e conservação, foi dando lugar à promoção de ações dirigidas a todos os indivíduos, sem distinção. É a partir dessa abertura que há uma maior valorização da função educativa nos museus, pois, em última análise, as ações educacionais visam potencializar a comunicação com o público (CABRAL; RANGEL, 2008).

É possível perceber, portanto, que o museu é uma instituição dinâmica, em constante mudança, que tem buscado, ao longo de sua existência, encontrar seu(s) papel(is) na sociedade. Observa-se, entretanto, que há funções museais que se mantêm ao longo do tempo, e que Fernández (1993) denomina como funções convencionais dos museus. Sendo elas:

- ✓ Coleccionar: formar a coleção do museu, que implica três aspectos (o que coleccionar, o que não coleccionar e como coleccionar);
- ✓ Identificar: que compreende a identificação, autenticação e datação das obras;
- ✓ Documentar: que inclui o registro e o inventário;
- ✓ Investigar: que se caracteriza por investigar e conhecer cientificamente as obras para poder catalogá-las com rigor e assim divulgá-las com segurança e garantia;
- ✓ Preservar e conservar: função que se refere um dos compromissos mais marcantes que o museu adquiriu desde a perspectiva de sua configuração e definição convencionais, na qual há salvaguarda do patrimônio para poder transmiti-lo às gerações futuras;
- ✓ Exibir: função presente desde as origens remotas do museu, mas que assume diferentes formas de apresentação, como documental, estética, técnica, didática, antropológica, ecológica, entre outras.
- ✓ Educar: essa função justifica social e culturalmente as atividades museológica e museográfica do museu, que devem ser realizadas em função do principal destinatário, o público.

Para Fernandes (1993), mudanças que culminaram na abertura do museu provocaram alterações na sua imagem e a redefinição de suas funções, como, por exemplo, uma intensificação na relação com o público; uma potencialização dos meios pedagógicos e tecnológicos; uma mudança no conceito de museu de *conservatório de objetos* para *centro difusor e comunicador* e a consolidação do museu como espaço de encontro social.

Em relação à imagem do museu, ainda é comum ele ser representado por idéias de que são espaços de quinquilharias (LEITE, 2006), cemitério de objetos, lugar de coisas ricas e velhas, templo sagrado, palácio de princesas e reis (CHAGAS, 1994). As imagens que vinculam o museu a “lugar de coisa velha” estão associadas a um modelo de museu tradicional: espaço sacralizado de guarda da memória, cuja unidade conceitual é o objeto e sem o qual não há coleção e, portanto, não há museu (SCHEINER, 2008).

Quanto à dimensão educativa do museu, sua assunção originou-se de um longo processo iniciado no século XVII, a partir da criação e inserção dos museus em instituições formais de ensino, as universidades. A progressiva ampliação do público visitante e a incorporação do museu nos planos governamentais europeus para parcerias com as escolas¹ propiciaram a criação dos serviços educativos dentro das instituições museais no século XIX. Por fim, o papel educativo do museu se consolidaria ao longo do século XX, a partir da

¹ Nesses projetos governamentais, as visitas escolares deveriam utilizar os museus como local onde o aluno observava “ao vivo” o que era ensinado “em teoria” nas escolas (MARANDINO, 2008).

necessidade de que o público entendesse e apreciasse as exposições e estratégias que buscavam a facilitação da comunicação (MARANDINO, 2008).

No Brasil, no campo do ensino de ciências, observa-se a ênfase dada à dimensão educativa dos museus e uma produção crescente de trabalhos sobre a educação não-formal. Os trabalhos enfatizam a possibilidade de museus ensinarem conteúdos científicos no sentido de que a sociedade necessita se apropriar do conhecimento científico para exercer plenamente a cidadania (LEAL; GOUVÊA, 2002; GOUVÊA; LEAL, 2001; KRAPAS; REBELO, 2001; MARANDINO, 2003; QUEIROZ et al., 2002; BORGES et al., 2004; JACOBUCCI; JACOBUCCI, 2008).

Mas como a escola “enxerga” o museu?

Se a escola procura o museu para ilustrar conteúdos e complementar atividades escolares, qual será a imagem de museu que a escola considera? De lugar de coisa velha? Lugar de aprender? Será que a escola reconhece a dimensão educativa do museu? E quanto à função educativa do museu em relação à escola?

Referencial teórico-metodológico

Para responder a essas perguntas, foram utilizados referenciais dos campos dos estudos sobre currículo e dos estudos organizacionais.

Os estudos sobre currículo foram utilizados por conceberem os textos curriculares como discursos que representam a política curricular, cujo objetivo principal é “a constituição do conhecimento escolar, seja ele produzido para a escola ou pela escola” (PAIVA; FRANGELLA; DIAS, 2006, p. 246). Ao representar o conhecimento escolar, esse discurso expressa “o que” e “como” a escola deve ensinar.

Nessa perspectiva, este trabalho busca as imagens feitas, produzidas e fabricadas no currículo sobre o museu e considera o discurso curricular como uma importante fonte de pesquisa sobre o discurso produzido para a escola.

Os estudos organizacionais possibilitaram a compreensão e uso do conceito de imagem institucional. A partir da apropriação do conceito de imagem organizacional sob a perspectiva de Hatch e Schultz (2002), a imagem institucional pode ser compreendida como o conjunto de opiniões sobre a instituição, realizada pelos *outsiders* (sujeitos de fora da instituição) que com ela interagem².

Desse modo, pesquisou-se em três currículos oficiais – Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Conteúdos Básicos Comuns do Estado de Minas Gerais (CBC) e Proposições Curriculares do Município de Belo Horizonte (PC) – as imagens e papéis do museu presentes no discurso curricular. Foram utilizados apenas os currículos destinados às séries finais do Ensino Fundamental.

² Uma discussão aprofundada sobre os conceitos de organização e instituição e o processo de apropriação dos conceitos de imagem organizacional e imagem institucional pode ser encontrada na dissertação de Mestrado que originou este trabalho. Bertelli, Mariana de Queiroz. Identidades, imagens e papéis museais nos discursos institucionais sobre a relação museu-escola. 117 f.. Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. 2010.

Metodologia

O processo de coleta de informações compreendeu a pesquisa documental. Os elementos textuais foram analisados a partir do método da Análise de Conteúdo Temática (BARDIN, 2009). A unidade de registro museu foi combinada a duas perguntas que orientaram o recorte das informações coletadas.

1. “Nesta frase, quem é o museu?” – em que foi possível encontrar as imagens de museu presentes no discurso curricular. 2. “Nesta frase, qual é o papel atribuído ao museu? - em que foi possível encontrar papéis conferidos ao museu na sua relação com a escola.

Resultados e discussão

O museu no currículo

A partir da pesquisa dos documentos curriculares Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN) (Brasil, 1998), Conteúdos Básicos Comuns (CBC) (Minas Gerais, 2005) do estado de Minas Gerais e Proposições Curriculares (PC) (Belo Horizonte, 2009) do município de Belo Horizonte foi possível estabelecer em quais currículos e disciplinas o museu foi citado (tabela 1).

Tabela 1: Ocorrências da palavra museu em cada disciplina dos currículos pesquisados

Disciplina	Currículo (ano de produção)		
	PCN (1998)	CBC (2005)	PC (2009)
História	14	-	3
Arte	8	1	1
Ciências Naturais ou Ciências	3	-	-
Geografia	2	-	-
Matemática	-	-	-
Educação Física	-	2	1
Língua Portuguesa	-	-	1
Língua Estrangeira	-	-	-
TOTAL	27	3	6

Comparando currículos quanto à imagem de museu

Apesar de mais antigos que os demais currículos (1998), os PCN apresentaram mais citações sobre museu do que os outros dois currículos – CBC (2005) e PC (2009), em um maior número de disciplinas.

Enquanto os PCN abordam o museu em disciplinas diversas, de campos do conhecimento variados e sob perspectivas diversas de imagens, os CBC trazem imagem para o museu apenas na disciplina Educação Física e o restringem a uma atividade de lazer cultural. As PC, por sua vez, apenas apresentaram uma única imagem diferente das presentes nos PCN, sendo ela *Instituição*. Como relatado no próprio documento, a formulação das PC foi baseada nos PCN. Entretanto, além da imagem *Instituição* estar presente nas PC e não nos PCN, a imagem *espaço de produção e acesso ao conhecimento* apareceu em um volume diferente - Língua Portuguesa -, disciplina na qual não houve citação, imagem ou papel para o museu nos PCN.

A figura 2 apresenta um diagrama com as imagens presentes em cada currículo (PCN, CBC e PC) e as imagens comuns a eles. Fica evidente a distância entre as propostas do CBC e

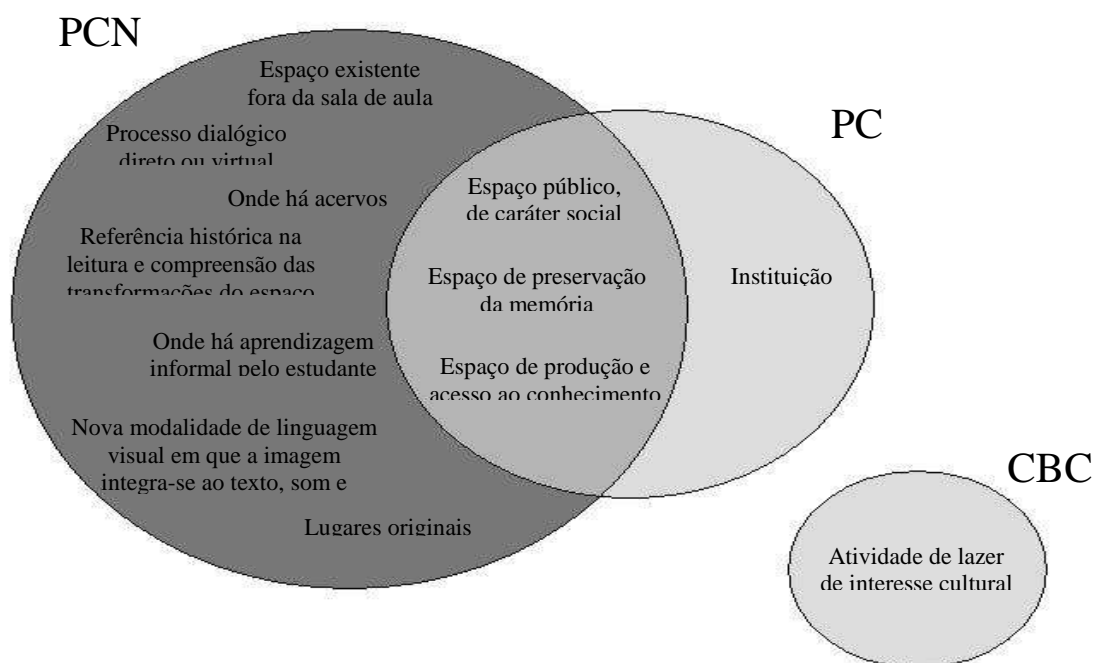
as demais, pois a única imagem presente nesse currículo não se relaciona às imagens presentes nos PCN e nas PC e reduz o museu a uma atividade de lazer cultural, ignorando seu potencial educativo ou sua função social.

As PC, por outro lado, apresentam maior convergência com os PCN, sendo que três das quatro imagens presentes nesse currículo são compartilhadas com os PCN. As imagens *espaço de preservação da memória* e *espaço de produção e acesso ao conhecimento* se aproximam da imagem do museu tradicional: aberto ao público, que preserva objetos, pesquisa e divulga o conhecimento sobre o que nele está guardado. Essas imagens, assim como as de *espaço público, de caráter social* e a imagem *Instituição*, presente apenas nas PC, também não contemplam o museu como ambiente educativo.

Nos PCN, um único volume tratou o museu como ambiente onde ocorre aprendizagem – imagem *onde há aprendizagem informal pelo estudante*. Entretanto, a aprendizagem em questão ocorreria apenas em consequência de uma visita de entretenimento. Segundo essa diretriz, o estudante, ao passear com amigos e familiares no museu, aprende certos conteúdos, sendo que parte deles seria aprendida de forma incorreta ou incompleta. Dessa forma, a “aprendizagem informal” em questão ignora o museu como local de produção de ações educativas e considera que o estudante, ao freqüentar o museu, aprende por conta própria, sem influência de ações educativas direcionadas ao público visitante. O trecho correspondente a essa passagem do volume de Ciências Naturais encontra-se abaixo:

[...] Assim, é de fundamental importância valorizar o universo cultural do estudante, pois ele aprende com os pais, os irmãos, os colegas e outros adultos, além da escola. Aprende também com filmes, televisão, rádio, discos, livros, revistas, computadores, bem como em festas, shows, eventos desportivos, quando vai aos museus ou aos jardins zoológicos, bem como com os livros escolares. Parte daquilo que aprende informalmente está incorreto, incompleto ou mal compreendido, mas a educação formal pode ajudar os alunos a reestruturar esses conhecimentos e a adquirir outros novos sem desvalorizar sua cultura. [...] (Brasil, 1998, p.52)

Figura 2: Diagrama de imagens presentes em cada currículo e interseções de imagens



Papéis conferidos ao museu nos discursos curriculares

A maior parte dos papéis conferidos ao museu diz respeito a ele ser visitado para alguma finalidade dentro dos objetivos escolares.

Comparando currículos quanto aos papéis do museu

De modo geral, tanto os PCN quanto os CBC atribuíram ao museu papéis passivos frente à visita escolar, centralizando no professor e/ou na escola o planejamento e o desenvolvimento das visitas. Além disso, freqüentemente, a visita tem como finalidade cumprir objetivos escolares, servindo como complemento ou ilustração de modo a permitir debates, realizar pesquisas, diversificar concepções dos alunos, entre outras possibilidades, mas sempre em decorrência de uma ação educativa exclusivamente escolar, que “explora” ou “aproveita” o museu.

As PC, apesar de também conferirem esse papel passivo para o museu, enfatizam – no volume referente à disciplina História – a necessidade de se estabelecer a partilha de responsabilidades entre escola e museu quando do planejamento e registro da visita. Esse foi o único volume entre todos os volumes dos três currículos analisados em que é atribuído ao museu esse papel ativo e conjunto à escola.

Dificilmente uma visita a museu ou a qualquer outra instituição ligada às heranças culturais de uma coletividade restringe-se ao que foi inicialmente previsto como potencialidade de aprendizagens e vivências culturais. [...] Realizar visitas a essas instituições requer, no entanto, todo um trabalho de partilha com essas instituições, de preparação prévia na escola e registro, assim como a construção coletiva de posturas e condutas desejáveis no momento da visita (Belo Horizonte, 2009c, p. 45).

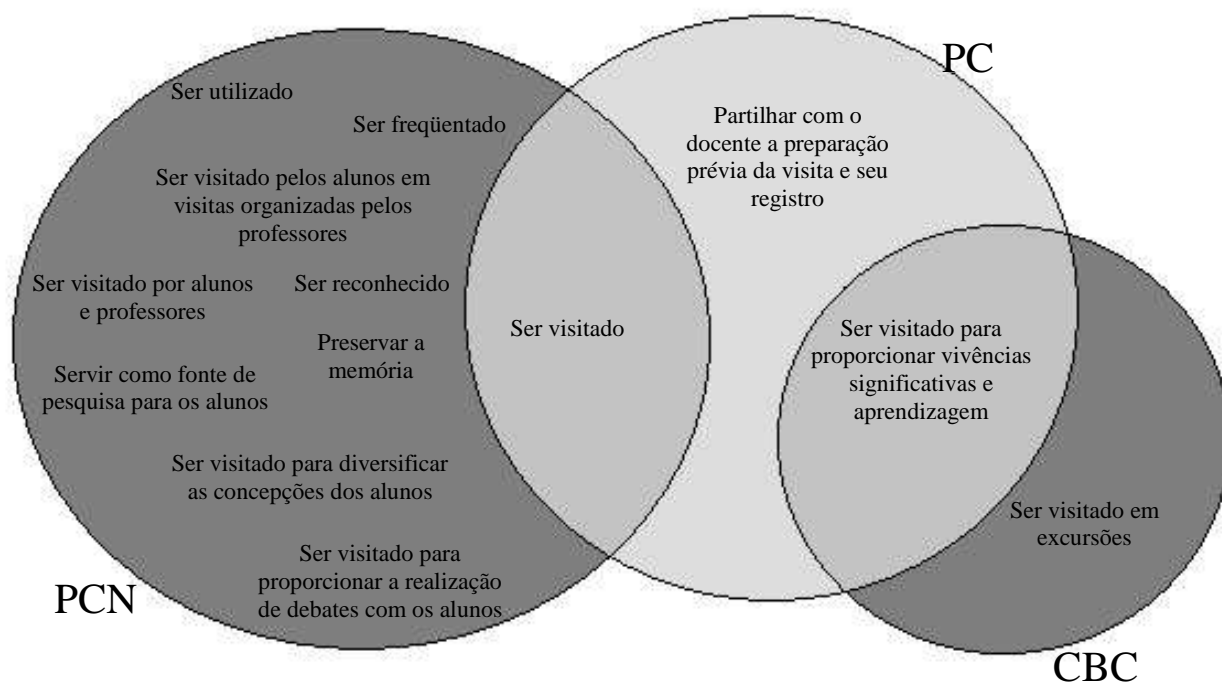
O trecho citado permite entender que nas PC de História considera-se que a aprendizagem que ocorre nos museus não se limita à esperada pelos professores quando planejam a visita. Assim, percebe-se que há uma valorização das atribuições do museu que ultrapassam a complementaridade e do fato de que tais atribuições não se restringem aos objetivos escolares.

O papel educativo do museu está ausente nos PCN e nos CBC, e, embora de forma bastante restrita – apenas em um volume e em um trecho – presente nas PC. A figura 3 permite perceber aproximações e distanciamentos entre os papéis presentes nos três currículos pesquisados. Novamente, assim como para as imagens de museu presentes nesses currículos, observa-se um distanciamento entre as propostas dos PCN e CBC, uma vez que não houve papéis semelhantes.

Por outro lado, as PC compartilham com os CBC o papel *ser visitado para proporcionar vivências significativas e aprendizagem*. Entretanto, enquanto os CBC consideram essa aprendizagem desvinculada da ação educativa museal, as PC conferem papel ativo ao museu, assim como à escola, nessa aprendizagem.

Por fim, os PCN e as PC compartilham apenas o papel *ser visitado*, um papel passivo e que não confere ao museu responsabilidades na ação educativa.

Figura 3: Papéis presentes em cada currículo e interseções de papéis nos currículos



Conclusões

Imagens de um museu despreocupado com seu público

Os PCN compartilham com as PC imagens associadas às concepções de museu que começaram a ganhar força no final do século XIX e início do século XX como *espaço público* e *espaço de preservação da memória* (VALENTE, 2003). O museu como espaço público, aberto a todos e a serviço da sociedade esteve presente na disciplina de História dos dois currículos. A idéia da preservação, associada a uma função do museu guardar os testemunhos da memória, do passado (VALENTE, 2003) esteve presente nos currículos de História de ambos os currículos, além do currículo de Arte dos PCN. Interessante lembrar que a concepção vinculada à função de preservação esteve ligada principalmente aos acervos históricos e artísticos (FERNÁNDEZ, 1993), demonstrando uma correspondência entre as disciplinas que apresentaram essas imagens e os campos de conhecimento que eram valorizados na preservação dos acervos no início do século XX.

A imagem *espaço de produção e acesso ao conhecimento*, presente nos PCN nas disciplinas de História e Ciências Naturais e nas PC na disciplina de Língua Portuguesa, se relacionam à função científica de produção do conhecimento bem como a uma concepção de museu como espaço que cria formas de preservar, conservar, divulgar e comunicar seu acervo e onde se viabiliza para o público o acesso a esse conhecimento.

As imagens compartilhadas pelos PCN e pelas PC apresentam-se associadas ao modelo de museu Tradicional: espaço sacralizado de guarda da memória, cuja unidade conceitual é o objeto, mas também ao museu como centro difusor e comunicador (FERNÁNDEZ, 1993).

É relevante destacar que nos Temas Transversais dos PCN – volume dividido em quatro temáticas (Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde e Orientação Sexual) que devem permear todas as disciplinas curriculares - não houve menção ao museu, à possibilidade de utilizá-lo ou à sua relevância para o estudo desses temas.

Os CBC não compartilham imagens como os outros currículos. A única imagem presente, *atividade de lazer de interesse cultural*, se distancia das funções básicas do museu, como também das concepções de espaço público, de caráter social. Interessante notar que, de acordo com os documentos, a proposta dos CBC foi construída utilizando os PCN como ponto de apoio, mas não há qualquer semelhança entre as imagens de museu dos PCN com a imagem de atividade de lazer presente nos CBC.

A única imagem presente nos currículos que fez alguma referência ao museu como espaço onde ocorrem processos educativos apareceu nos PCN, na disciplina Ciências Naturais. Entretanto, a imagem *onde há aprendizagem informal pelo estudante* desconsidera o museu como ambiente de cunho educativo, de práticas e ações educativas, mas sim como um local que faz parte do universo cultural do aluno, onde se aprende com as vivências. É importante salientar, ainda, que há um reforço à imagem da educação formal e da escola como instância educadora onde ocorre aprendizagem de conhecimentos estruturados de forma correta.

Em relação à temática dos museus, os currículos das diferentes disciplinas demonstraram pouca interlocução entre os grupos de especialistas que os elaboraram. A concepção de museu – ora apresentada, ora ausente – é um indício de falta de integração na elaboração do conjunto de propostas que formam um currículo oficial e que, portanto, servirá de parâmetro para professores e escolas.

O papel passivo do museu no currículo

Os papéis atribuídos ao museu nos três currículos pesquisados estiveram, de maneira geral, relacionados a uma postura passiva do museu frente às visitas escolares.

Ser visitado (compartilhada por PCN e PC); *ser visitado pelos alunos em visitas organizadas pelos professores*; *ser utilizado*; *ser visitado por alunos e professores* e *ser visitado em excursões* são algumas categorias de papéis explicitadas nos currículos. Todas essas atribuições “estão vazias” de funções para o museu.

Outras atribuições apontadas foram *ser visitado para diversificar concepções dos alunos*; *servir como fonte de pesquisa para os alunos* e *ser visitado para proporcionar a realização de debates com os alunos*, as quais apresentam um papel para o museu de complementar o ensino escolar. Essas atribuições identificam um objetivo para as visitas, “uma serventia”, mas a atuação do museu restringe-se a “estar lá, paralisado”, de modo que alunos e professores o utilizem para suas finalidades escolares. Nesse sentido, apesar de servir para complementar o ensino, ao museu, em si, não é conferida qualquer função específica.

O papel *preservar a memória*, presente nos PCN, foi o único papel nesse currículo que se referiu a uma atuação ativa do museu. Essa atribuição associa-se à função convencional do museu de preservar (FERNÁNDEZ, 1993) e esteve presente nos currículos de História e Arte. Novamente, é possível perceber a ligação dessa função a esses dois campos do conhecimento, que valorizavam a preservação dos acervos no início do século XX.

Apenas as PC apresentaram um papel que reflete, além de uma atuação ativa para o museu, uma concepção de espaço que pode compartilhar responsabilidades com a escola (KÖPTCKE, 2003). A partir do papel *partilhar com o docente a preparação prévia da visita e o seu registro*, é possível perceber como essa visão é antagônica àquela presente, por exemplo, na imagem de museu do PCN de Ciências Naturais, que reforça a centralidade da educação formal como única instância educadora. Percebe-se, nesse sentido, uma ampliação do espaço que o museu passa a ter na ação educativa e a valorização como instituição atuante na relação com a escola. Embora ainda “tímido” - presente apenas no currículo de História das PC - é possível perceber um deslocamento de um papel passivo do museu dos PCN

(1998) para o papel de parceiro educativo ativo nas PC de História (2009). Entre a elaboração dos PCN e das PC passaram-se onze anos. Faz-se interessante lembrar que as décadas de 1990 e 2000 foram marcadas por avanços nas pesquisas sobre museus e pela consolidação de novas propostas de atuação, por parte dessas instituições, em relação ao público.

Considerações Finais

De forma geral, enquanto os museus têm se mostrado comprometidos com seu público, especialmente o escolar, os Parâmetros Curriculares Nacionais retratam o museu como uma instituição centrada no acervo, que o preserva, investiga e produz conhecimento a partir dele e ignora seu público em suas ações. Esse currículo valoriza apenas as funções inerentes ao museu vinculadas às funções convencionais, desvinculadas do público. Além disso, os PCN sugerem, na maior parte de seus papéis para o museu, que ele seja visitado com objetivo complementar à educação escolar, em ações educativas exclusivamente planejadas e desenvolvidas pelos professores, para fins escolares.

Em relação aos Conteúdos Básicos Comuns, proposta oficial do estado de Minas Gerais, suas diretrizes apresentam uma concepção de museu absolutamente alheia às funções do museu como Instituição. O museu dos CBC é uma “atividade de lazer de interesse cultural”, que tem como papel “ser visitado em excursões”. Essa proposta curricular foi elaborada em 2005, época em que se consolidavam avanços nas pesquisas e novas propostas de atuação dos museus. É intrigante perceber como esses avanços não são incorporados por esse currículo, a ponto de sua proposta não apresentar qualquer referência que indique sintonia com essas questões. Além disso, o termo “excursão” tem sido problematizado no campo da educação, em que há uma tendência em evitar seu uso à medida que as excursões costumam se constituir passeios de escolares voltados para o lazer e o deleite, desqualificando as saídas da escola como atividades educativas.

É possível apreender que os PCN e os CBC não reconhecem o status institucional do museu. As imagens de museu presentes nos PCN se referem ao museu como “espaço”, “lugar”, “processo”, delimitando-o a um território, um limite espacial, ou conferindo a ele uma idéia de dinamismo nas formas de expor e exhibir. A imagem dos CBC trata o museu como “atividade de lazer”.

As Proposições Curriculares, currículo oficial do município de Belo Horizonte, foi o único que reconheceu a imagem institucional do museu, nas diretrizes da disciplina História. É bastante interessante que esse seja também o único currículo que menciona a parceria educativa entre museu e escola. Parece que, ao reconhecer o caráter institucional do museu, essa proposta admite que essas *duas instituições* – museu e escola - estabeleçam parceria por serem ambas reconhecidas socialmente, terem a sociedade como seu princípio e sua referência normativa e valorativa. Essa proposta curricular ainda não confere ao museu o *poder* de educar e formar, assim como para a escola, mas admite uma atuação integrada de partilha de responsabilidades na visita escolar. Percebe-se, portanto, um avanço nesse currículo. Talvez essa mudança seja resultado de uma política cultural mais clara e socialmente engajada do município e/ou esteja influenciada historicamente pelo engajamento da área de patrimônio no ensino de história.

As PC são as mais recentes entre os três currículos pesquisados, publicadas em 2009. Assim, parecem indicar uma mudança de concepção de museu e da relação entre museu e escola nas diretrizes curriculares. Um acompanhamento de outras ou de novas políticas curriculares desenvolvidas em âmbitos diversos pode ajudar a avaliar se esse é um avanço presente apenas no campo da História, se configura uma tendência fruto de novas formas de pensar a educação ou se foi apenas um caso isolado.

De maneira geral, as imagens e papéis de museu que povoaram os currículos ainda tratam o museu como mero receptor de visitas escolares, embora retratem o reconhecimento de identidades e funções ligadas a questões de preservação, investigação e comunicação.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5ª Edição. Lisboa: Edições 70, 2009.

BELO HORIZONTE. Educação. **Proposições curriculares**. 2009. Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=educacao&tax=8489&lang=pt_BR&pg=5564&taxp=0>. Acesso em 05 fev. 2010.

BORGES, R. M. R. et al. Contribuições de um museu interativo à construção do conhecimento científico. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**. Belo Horizonte, v.4, n.2, p.113-122, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais para 5ª a 8ª séries**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12657%3Aparametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series&catid=195%3Aseb-educacao-basica&Itemid=859>. Acesso em: 05 fev. 2010.

CABRAL, M. Parcerias em educação e museus. São Paulo: Conselho Internacional de Museus. **ICOM**, 2005. Disponível em: <<http://www.icom.org.br/Parcerias%20em%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20Museus.pdf>>. Acesso em 15 jan. 2010.

CABRAL, M.; RANGEL, A. Processos educativos: de ações esparsas à curadoria. In: JULIÃO, L.; BITTENCOURT, J. N. (orgs.). **Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura da Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008, p. 158-168.

CHAGAS, M. No museu com a turma do Charlie Brown. **Cadernos de Museologia**, n. 2, 1994, p. 49-65.

FERNÁNDEZ, L. A. *Museología: introducción a la teoría y practica del museo*. Madrid: Ediciones Istmo, 1993.

GOUVÊA, C.; LEAL, M. C. Uma visão comparada do ensino em ciência, tecnologia e sociedade na escola e em um museu de ciência. **Ciência & Educação**. Bauru, v.7, n.1, p.67-84, 2001.

JACOBUCCI, G. B.; JACOBUCCI, D. F. C. Caracterização da estrutura das mostras sobre biologia em espaços não-formais de educação em ciências. **Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências**. Belo Horizonte, v. 10 n.1, p. 1-17, 2008.

KÖPTCKE, L. S. Parceria museu e escola como experiência social e espaço de afirmação do sujeito. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. C. (orgs.). *Educação e Museu: a construção do caráter educativo dos museus de ciência*. Rio de Janeiro: Access, 2003, p. 107-128.

KRAPAS, S.; REBELO, L. O perfil dos museus de ciência da cidade do rio de janeiro: a perspectiva dos profissionais. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 68-85, 2001.

- LEAL, M.C.; GOUVÊA, G. Narrativa, mito, ciência e tecnologia: o ensino de ciências na escola e no museu. **Ensaio: pesquisa em educação em ciências**. Belo Horizonte, v.2, n.1, p. 1-29, 2002.
- LEITE, M. A. **Crianças, velhos e museu**: memória e descoberta. *Cadernos Cedes*. Campinas, v. 26, n. 68, p. 74-85, 2006.
- LOPES, M. M. A favor da desescolarização dos museus. **Educação & Sociedade**. Campinas, n. 40, p. 443-455, 1991.
- MARANDINO, M. (org.). **Educação em museus**: a mediação em foco. São Paulo: FEUSP, 2008.
- MARANDINO, M. Enfoques de educação e comunicação nas bioexposições de museus de ciências. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**. Belo Horizonte, v.2, n.2, p.103-120, 2003.
- MINAS GERAIS. Centro de Referência Virtual do professor. **Conteúdos Básicos Comuns**. 2005. Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/INDEX.ASP?token=&usr=&ID_OBJETO=23967&ID_PAI=23967&AREA=AREA&P=T&id_projeto=27>. Acesso em: 15 fev 2010.
- NASCIMENTO, S.S. O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus. In: FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, D. G. (orgs.). **Museus**: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Belo Horizonte: Argumentum; Brasília: CNPq, 2005, p. 221-239.
- PAIVA, E. V.; FRANGELLA, R. C. P.; DIAS, R. E. Políticas curriculares no foco das investigações. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (orgs.). **Políticas de currículo em múltiplos contextos**. São Paulo: Cortez, 2006, p. 241-269.
- PEREIRA J. S. et al. **Escola e museus**: diálogos e práticas. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/Superintendência de Museus/Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/Cefor, 2007.
- QUEIROZ, G. et al. Construindo saberes da mediação na educação em museus de ciências: o caso dos mediadores do museu de astronomia e ciências afins/ Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**. Belo Horizonte, v.2, n.2, p.77-88, 2002.
- SCHEINER, T. C. O museu como processo. In: JULIÃO, L.; BITTENCOURT, J. N. (orgs.). **Cadernos de diretrizes museológicas 2**: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura da Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008 , p. 34-47.
- SIMAN, L. M. C. Práticas culturais e práticas educativas, especificidades e aproximações: contribuições para reflexão a partir do projeto Museu e Escola da UFMG. In: **Anais dos Seminários de Capacitação Museológica**. Belo Horizonte: Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2004.
- VALENTE, M. E. A conquista do caráter público do museu. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. C. (orgs.). **Educação e Museu**: a construção do caráter educativo dos museus de ciência. Rio de Janeiro: Access, 2003, p. 21-45.
- VALENTE, M. E. A. **Museus de Ciências e Tecnologia no Brasil: uma história da museologia entre as décadas de 1950-1970**. 276 p. Tese (doutorado em Ciências) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.